



**UFSM**

**Monografia de Especialização**

**A HUMANIZAÇÃO DA INFÂNCIA: UMA CONTRIBUIÇÃO  
DA LITERATURA INFANTIL**

---

**Miriam Edite Canfield Donatto**

**UFSM/CE/NAEES**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**A HUMANIZAÇÃO DA INFÂNCIA: UMA CONTRIBUIÇÃO  
DA LITERATURA INFANTIL**

---

por

**Miriam Edite Canfield Donatto**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação, em Psicopedagogia Institucional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação com Ênfase em Psicopedagogia Institucional**.

**UFSM/CE/NAEES**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização em  
Psicopedagogia Institucional

**A HUMANIZAÇÃO DA INFÂNCIA: UMA  
CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL**

elaborada por  
**Míriam Edite Canfield Donatto**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Psicopedagogia Institucional**

---

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Alcione Munhóz  
(Orientadora)**

---

**Prof<sup>a</sup> Ms. Andréa Tonini**

---

**Prof<sup>a</sup> Esp. José Luiz Padilha Damilano**

Santa Maria, 23 de março de 2005.

**Os contos de fadas são, na verdade,  
um “presente de amor”.**

**Lewis Carrol**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha amada filha Geórgia, que não me permite crescer por inteiro quando cantarola pela casa o refrão contagiante de uma música de um filme de Peter Pan, que grita: Eu acredito em fadas! Acredito! Acredito!

E o mundo fica mais bonito...

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que é amor...

A meu pai, que me ensinou a ter fé...

A minha mãe, entre muitas outras coisas, minha Sheherazade...

A Lamar, meu eterno Sir Gawain, que acredita em mim como nem eu imaginaria acreditar...

A meus professores, e em especial minha orientadora, pela excelente condução neste trabalho...

## SUMÁRIO

<b>EPÍGRAFE .....</b>	<b>iv</b>
<b>DEDICATÓRIA.....</b>	<b>v</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>vi</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>viii</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>x</b>
<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>1</b>
<b>2 CULTURA, ARTE E LITERATURA .....</b>	<b>4</b>
2.1 Origens da Literatura Infantil .....	7
<b>3 OS DIVERSOS TIPOS DE TEXTOS INFANTIS .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Fábulas .....</b>	<b>13</b>
3.1.1 A mosca .....	14
3.1.2. A raposa e a máscara.....	14
3.1.3. A galinha dos ovos de ouro.....	14
3.1.4. O touro e as cabras selvagens.....	15
3.1.5. O lobo e o cordeiro.....	15
<b>3.2 Lendas .....</b>	<b>16</b>
3.2.1. Atlântida.....	17
<b>3.3 Contos de Fadas .....</b>	<b>19</b>
3.3.1 A Branca de Neve.....	21
3.3.2 O patinho feio.....	23
3.3.3. As mil e uma noites.....	24
<b>3.4 Poesias .....</b>	<b>26</b>
3.4.1. Tempestade.....	27
<b>4 A PRESENÇA DO FANTÁSTICO E DO MARAVILHOSO NAS NARRATIVAS INFANTIS .....</b>	<b>29</b>
<b>5 A ETERNIDADE DOS CLÁSSICOS .....</b>	<b>32</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>

## **RESUMO**

Monografia de Especialização em Educação  
Com ênfase em Psicopedagogia Institucional

Núcleo de Atividades Especiais de Extensão e Serviços  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, BRASIL.

### **A HUMANIZAÇÃO DA INFÂNCIA: UMA CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL**

Autora: Míriam Edite Canfield Donatto

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Alcione Munhóz

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 23 de março de 2005.

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica que tem como tema norteador a humanização da infância através da literatura infantil, onde obras nos campos da História, Literatura, Psicologia e Psicopedagogia foram estudadas. Faz um paralelo entre a infância da humanidade e a do homem em relação a sua humanização e que contribuições a literatura pode dar nesse processo. Define o que é cultura, arte e literatura e qual o papel que elas possuem na evolução da humanidade e do homem. Aborda aspectos que mostram o quanto a literatura infantil foi e continuará a ser essencial para o desenvolvimento integral do ser humano, ainda na infância. Literatura, essa, que usa o recurso do maravilhoso como forma de possibilitar à criança a descoberta e a compreensão do mundo que a cerca, o que pode ser decisivo na sua formação integral. Literatura que, de forma maniqueísta, mostra que o bem e o mal, o certo e o errado traçam um paralelo entre o mundo real e o fictício, abordando questões acerca da injustiça, das relações de poder, da exclusão, entre outros, numa tentativa de resgatar a disposição para a prática do bem através do amadurecimento emocional. Este trabalho também expõe a contribuição que os clássicos da Literatura Infantil proporcionam à criança, na busca pela sua própria humanização, que é valor imprescindível para a aceitação e respeito à diferença. Desejos e medos são fundamentais para a preservação e evolução dos homens, e a literatura clássica aborda esses temas de frente, mas de maneira implícita,

encorajando a criança a tentar resolver situações reais sem perder aquilo que é indispensável a todo ser humano e que ninguém pode ter o direito de tomá-la, principalmente da infância: a esperança de que no final tudo dará certo.

## **ABSTRACT**

Monograph of Specialization in Education  
with emphasis in Institutional Psychopedagogy  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, BRAZIL.

### **A HUMANIZAÇÃO DA INFÂNCIA: UMA CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL (THE HUMANIZATION OF THE CHILDHOOD: A CONTRIBUTION OF THE INFANTILE LITERATURE)**

Author: Míriam Edite Canfield Donatto

Orientater: Teacher Doctor Maria Alcione Munhóz

Date e Local of the Defense: Santa Maria, March 23<sup>th</sup> , 2005.

This work is a bibliographical research that has as indicative theme the humanization of the childhood through the infantile literature, where works in the fields of the History, Literature, Psychology and Psychopedagogy were studied. He/she makes a parallel one between the humanity's childhood and the one of the man in relation to its humanization and that contributions the literature can give in that process. It defines what is culture, art and literature and which the paper that they possess in the humanity's evolution and of the man. It approaches aspects that show the as the infantile literature went and it will continue to be essential for the human being integral development, still in the childhood. Literature, that, that uses the resource of the wonderful as form of facilitating the child the discovery and the understanding of the world that the fence, what can be decisive in its integral formation. Literature that, of strategic form, it shows that the good and the badly, the right and the wrong trace a parallel one between the real world and the fictitious, approaching subjects concerning the injustice, of the relationships of power, of the exclusion, among other, in an attempt of rescuing the disposition for the practice of the good through the emotional growth. This work also exposes the contribution that the classic of the Infantile Literature provide to the child, in the search for its own humanization, that is indispensable value for the acceptance and respect to the difference. Desires and fears are fundamental

for the preservation and the men's evolution, and the classic literature approaches those front themes, but implicit way, giving courage to the child to try to solve real situations without losing that that is indispensable to whole human being and that nobody can be entitled the of taking it, mainly of the childhood: the hope that in the end everything will give right.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há muitos e muitos anos, quando o homem se reunia ao redor da fogueira para dividir a caça com a tribo, se iniciava a formação de sociedades para, juntos, enfrentarem as ameaças da Natureza.

Uma série de fatores, como a instrumentalização da pedra e a descoberta do fogo garantiu a sobrevivência deste que era, aparentemente, um dos seres mais indefesos dentre os animais, pois ele não possuía garras, nem couraça, nem presas poderosas, não produzia substâncias letais para sua própria defesa.

Porém, indiscutivelmente, foi a capacidade de criar uma forma de comunicação e o desenvolvimento de uma linguagem, que mais tarde ficaria ainda mais sofisticada sob a forma de escrita, que abriria, definitivamente, a imensurável margem de diferença de aptidão para sobreviver entre o homem e os outros animais.

Este homem, a partir daí, e então para adiante, no tempo, precisava *contar* os seus feitos, *narrar* seu sucesso ou sua derrota diária, *descrever* seus inimigos naturais para que sua prole pudesse identificá-los e protegê-los; *dissertar*, baseado na sua experiência conquistada, sobre os prós e os contras de uma nova investida. O impulso de contar histórias nasceu também dessa necessidade, e não há povo, embaixo do sol, que não se orgulhe de suas histórias, suas lendas, seus mitos, suas tradições, porque estas são a principal expressão da sua cultura e precisam ser preservadas. E é aí, exatamente, que reside a relação entre a literatura e a oralidade.

O gérmen da idéia que me fez escolher o tema desta monografia inicia justamente com o princípio do que denominamos civilização, com a “infância” da humanidade, que tem estreita ligação de similaridade ao princípio da existência individual, ou seja, a infância do homem. MONTAIGNE (2000),

pensador do caráter “ondulante e variado” do ser humano e criador do ensaísmo moderno, dizia que cada homem leva em si a forma inteira da humana condição. Para compreendermos como se daria a humanização da infância e que contribuições a literatura poderia dar neste processo, precisaríamos entender como esta se deu, ou se dá, com a raça humana. Precisamos definir o que seja cultura, arte e literatura e que papel elas possuem nessa passagem de homem embrutecido para homem evoluído e mais humano, despertando no leitor a vontade de pensar e debater sobre os conflitos por elas desenvolvidos.

Também é necessário que conheçamos um pouco da história da literatura infantil, sua origem, quando se estabeleceu como gênero literário, alguns de seus principais autores e compiladores e suas inesquecíveis obras, a fim de revelar o quanto essas são úteis para a humanização da infância.

O trabalho foi constituído de uma pesquisa bibliográfica seguida das considerações finais, tendo como tema norteador a humanização da Infância através da Literatura Infantil, sujeita a superações e temporalização constantes, embasados na literatura de autores renomados como Bettelheim (1978), Cândido (2002), Coelho (1991), Meyer (1986), Salem (1985), Yunes (1988) e Gotlib (2003), Warner (1999), entre outros, que, de forma clara e acessível, nos remetem à origem dos clássicos da literatura, fazendo-nos viajar no mundo fantástico, real e/ou imaginário, bastando como passagem para essa viagem, o prazer pela leitura, pelo ouvir e contar histórias e a fascinação pelos seus caminhos.

Procurei falar sobre as modalidades de textos infantis com a intenção de podermos fazer algumas comparações entre eles e os efeitos que exercem nos seus leitores/ouvintes.

Não poderia deixar de falar sobre a presença constante do fantástico e maravilhoso nos clássicos infantis, já que aqueles figuram nestes na

condição de uma de suas principais características, e, creio, seu grande comburente, suscitando reflexões sobre os motivos desta presença, as funções que ela exerce nos textos e no possível efeito que causa na percepção, no desenvolvimento, na formação e transformação de seus pequenos leitores.

Interrogado sobre tal efeito, sobre a possibilidade desse poder transformador da literatura (infantil ou não), DA CUNHA (2004), em recente entrevista que me concedeu, afirmou, corroborando, que:

[...] as dissertações de mestrado que estamos desenvolvendo no nosso grupo de pesquisa do programa de pós-graduação em educação estão direcionadas em entender, agora, qual o papel da narrativa no reconhecimento de si, no bem estar, no conforto de sentir-se bem no mundo.

O que nos permite perceber que a sabedoria popular – que originou, alimentou e preservou os clássicos infantis – ocupa merecida posição em diversas discussões acadêmicas.

E, para finalizar, julguei necessário discorrer sobre a razão, ou razões, da eternidade dos clássicos. Sobre o motivo que faz com que sejam lidos, relidos e amados por gerações, em qualquer tempo e em qualquer lugar. O que eles têm, explícito ou implícito na sua essência, que possa encantar tanto o nosso espírito e contribuir para a nossa própria humanização, porque na medida em que mais humanos nos tornamos, mais capazes somos de aceitar as diferenças humanas, respeitar as desigualdades naturais, sem transformá-las em desculpa para a discriminação, motivo para o desamparo, razão para a exclusão.

## 2 CULTURA, ARTE E LITERATURA

O que somos hoje é fruto de uma longa evolução histórica, nos sentidos físico, mental, emocional, econômico e cultural, ou seja, a evolução do homem resultou do fato de ele estar no mundo - porque a adaptação é instintiva - e da ação deste mesmo homem para sobreviver nesse mundo - porque para sobreviver ele necessitava da vida em grupo, e os grupos, naturalmente, formam seus hábitos, constroem suas tradições, constituindo, assim, sua cultura. Todas as transformações e adaptações do homem, então, são incorporadas à espécie por meios biológicos e culturais. É desejável, pois, que o ser humano evolua, e acabe, por fim, sempre e sempre se transformando num “novo homem”.

Tendo isso em vista, podemos dizer que o animal que chamamos de homem, continua sendo, em certos aspectos, aquele mesmo animal biológico, instintivo e criativo da origem da humanidade e ao mesmo tempo deixou de sê-lo, porque, sob essa visão, ele modificava-se na medida em que construía essa cultura. E é aí que se encontra o papel desta e, de acordo com o discurso que tentamos construir, aí se encontra o papel da literatura.

YUNES (1988, p.125) diz que “a valorização da cultura, da educação e da leitura faz parte do processo de conscientização de nossa sociedade”, e considerando que a cultura permeia diferentes classes sociais de modo diverso, é salutar reconhecer suas diferentes manifestações e contradições, latentes em muitas expressões artísticas.

Sabemos que a cultura é o conjunto das produções elaboradas pela humanidade que têm como finalidade o cultivo do espírito. Ela foi pensada como condição para a elevação do humano, um momento de êxtase espiritual que inspirasse a criação de um outro mundo em oposição à

materialidade das condições objetivas de vida. Seu corolário são os objetos artísticos que, por sua perenidade, se constituem em patrimônio da humanidade. Assim, através da produção cultural obtemos um retrato, além de uma perspectiva dos modos de organização da vida social.

A literatura é arte, e como tal faz parte da cultura. E é mais, porque dentre todos os tipos de arte é nela que encontramos o maior repertório de conhecimento que a humanidade já produziu. CÂNDIDO (2002, p. 80) bem escreveu:

O homem cultivado, isto é, aquele ser que se preocupa com sua formação, com sua humanização, vive com os seus livros. Os seus livros fazem parte dele, o exprimem e ele aprende a se exprimir a partir de suas leituras. A leitura de um livro tem caráter ambivalente, pois é expressão do homem e atua na formação do homem.

Isso faz com que a literatura seja fonte poderosa de conhecimento e experiência do homem sobre o próprio homem, utilizando a subjetividade do autor, que procura transmitir uma visão de mundo sobre determinados aspectos que o emocionaram.

O texto literário exige a participação do leitor, envolvendo situações de aprendizagem e de vivência ligada ao contexto social.

O que parecia um tanto contraditório – como podemos afirmar que a literatura contribuiria para humanizar o homem, visto que é ele um ser humano? – torna-se possível de entender, se tomarmos a questão sob o ponto de vista já mencionado. É lícito, pois, afirmar que a literatura desempenha, entre outras funções, como a de evasão e a de diversão, a função de transmitir conhecimento, e a principal função de contribuir de forma única na humanização do homem. MEYER (1985, p.8–9) argumenta que:

Se não fosse a literatura – poesia, ficção – nada saberíamos do mistério individual dos outros, do seu mundo interior, da multiplicidade psicológica do homem. O terreno da literatura é o da Erlebnis de Koffka, aquela parte dos outros, ou de nós mesmos, que só pode ser conhecida através da confiança. Sob esse ponto de vista, os pobres psicólogos devem tudo aos escritores. A maior riqueza de revelações psicológicas está acumulada em dramas, romances, poemas, autobiografias, onde aparece o homem real, concreto na sua 'vivência', irreduzível à observação exterior. E a literatura é confissão direta ou indireta, confiança ou lirismo. 'Madame Bovary c'est moi', dizia Flaubert, desmentindo todas as teorias estéticas. Por isso mesmo, o exercício da leitura, que parece uma simples forma de prazer artístico, pode ser interpretado como necessidade de simpatia humana e de compreensão psicológica. A leitura me parece uma escola de boa vontade.

E é por conter tanto do ser humano, que alimenta e nutre a alma humana.

O que ocorre com a literatura destinada às crianças, não pode ser diferente. O discurso literário abre perspectivas para a percepção do mundo do ponto de vista da infância, que ultrapassa o conteúdo do livro e se assemelha ao mundo real, traduzindo suas emoções e sentimentos em linguagem simbólica e transformadora. "Enfim, buscamos demonstrar que literatura é uma leitura da vida e que a fantasia, longe de alienar, ajuda a descobrir o real, como muitas obras vão mostrar" (YUNES, 1988, p. 84).

Muda a natureza do leitor a quem se dirige, muda a linguagem, muda o estilo, mas não muda a necessidade de contar sobre nossas angústias, nossos medos, nossas esperanças e, principalmente, descobrir, ouvindo ou lendo essas histórias maravilhosas, que não somos nem estamos sós.

## 2.1 ORIGENS DA LITERATURA INFANTIL

Como bem afirma SALEM (1985), ao servir de base para a construção deste capítulo, lembra que apesar de a Literatura infantil firmar-se como gênero a partir do século XVII, alguns dos que se tornaram clássicos foram retirados da narrativa oral popular e nem mesmo eram direcionados à infância, pelo contrário, seu teor era, muitas vezes, violento, outras sensual e até mesmo pornográfico.

[...] antes de se perpetuarem como literatura infantil, foram literatura popular. Em todas elas havia a intenção de 'passar' determinados valores ou padrões a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo comportamento de cada indivíduo. Mostram as pesquisas que essa literatura inaugural nasceu no domínio do mito, da lenda, do maravilhoso [...] (COELHO, 1991, p.36).

Eram histórias contadas e recontadas oralmente, através de gerações, registradas depois na forma escrita e foram, aos poucos, se modificando até chegar ao que conhecemos hoje. Branca de Neve, por exemplo, é um dos contos de fadas mais conhecidos e “sua narrativa remonta há séculos, sob várias formas, em todos os países e línguas européias; daí se disseminou para os outros continentes” (BETTELHEIM, 1978, p. 239). A “Borracheira” é uma história muito antiga, pois “quando foi registrada na China durante o século IX d.C. já possuía uma história” (o mesmo, 1978, p. 277).

Não se pode dissociar o surgimento da Literatura infantil do momento intelectual vivido na época em que surgiu, das mudanças na estrutura da sociedade, que desencadearam repercussões no âmbito artístico e do desenvolvimento das teorias educacionais. O ensino elementar começou no século XVI,

[...] e só então surgiu a necessidade de ser encontrada a maneira de facilitar para as crianças o aprendizado, ou seja, a necessidade de uma pedagogia infantil. Nessa época, é que começaram a surgir estudos em torno da criança e da maneira pela qual ela devia aprender, isto é, as teorias educacionais. (SALEM, 1985, p. 23).

Na literatura infantil, homens e mulheres são caracterizados de forma evidente, predefinindo limites entre o que se refere a cada um deles. O pensamento tradicional busca explicar os fatos pura e simplesmente pela razão, o que acaba priorizando a explicação lógica e racional, ao invés do impulso emotivo e fantástico da descoberta através a leitura prazerosa da obra literária.

Precisamos lembrar, contudo, que, ao se falar dos textos de literatura infantil sob a dominante estética ou inclusão de ensinamentos em prol da pedagogia, põe-se em risco a própria categorização de infantil, já que não se trata mais de falar a esta ou àquela faixa etária, mas sim de trabalhar com certas estruturas de pensamento comuns a todo o ser humano. E é exatamente por isso que obras não-elaboradas com a intenção de falar ao público infantil acabaram por atingi-lo.

“Nada mais do que a conscientização da natureza universal da arte literária, que a liberta desse ou daquele público específico, para propor-se como generalizadora e regeneradora de sentimentos”, como apropriadamente afirmou PIERCE (1977, p. 87).

Na França, Charles Perrault apresentou, em 1697, os contos de fadas – *Contos de minha mãe Gansa* – com o subtítulo - *Histórias e contos do passado*. É uma coletânea de contos do folclore, que o celebrizaram nas letras. Entretanto, na ocasião em que foram escritos nem o próprio Perrault lhes deu maior importância. Só em fins do séc. XIX é que Perrault e seus contos foram consagrados. E isso porque, desaparecidos os personagens a

que seus contos se referiam e desaparecido o significado intrínseco que continham, eles foram adaptados como histórias infantis e desde aí vêm encantando velhos e crianças de todo o mundo e ainda hoje as crianças de todos os países vibram com *O Gato de Botas*, *A Gata Borralheira*, *Pele de Asno*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida no Bosque* e muitos outros.

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, motivo pelo qual deveria se distanciar da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. No século XIX reafirmam-se estes estudos e, baseados neles, surgem diversas obras destinadas à infância. Até o começo desse século, as obras infantis apresentaram feições morais, didáticas e pedagógicas.

De 1812 a 1815, os irmãos Grimm – Guilherme Carlos e Jacob Luís Carlos – colecionaram os contos populares do folclore da Alemanha, adaptando-os para a infância.

Alguns acham que esses contos foram escritos para adultos; outros, que sua finalidade era preservar a tradição popular, mas o fato é que Guilherme Grimm, que cuidara da edição definitiva dos mesmos, soubera dar-lhes uma forma pessoal, adaptando-os admiravelmente ao gosto das crianças. (SALEM, 1985, p. 32).

Entre esses contos figuram *Branca de Neve e os Sete Anões*, *O Pássaro de Ouro*, *A touca mágica*, *Mata-sete*, *Hansel e Gretel*, e outros.

A segunda metade do século XIX caracterizou-se pela literatura infantil propriamente dita, pura, sem preocupação didática ou moralizadora, mas conseguindo agradar simplesmente pela arte de despertar o interesse e prender a atenção da infância. Os contos de ficção e o folclore do passado

entraram no mundo infantil sob a forma de traduções, adaptações ao gosto da criança, interessando-a definitivamente.

Surgiram, também, contos originais, baseados nas lendas do passado, falando de fadas, bruxas, príncipes e magia, que também encantaram as crianças da época. Entre eles estão os contos de Hans Christian Andersen que apresentou em 1835, os seus *Imortais contos de fadas*, onde encontramos: *O patinho feio*; *Os cisnes selvagens*; *A rainha da neve*; *O soldadinho de chumbo*; e outros. Todos eles apresentam o elemento fantástico e maravilhoso, motivo do seu sucesso, e são considerados clássicos da literatura infantil.

Estima-se que no século IX d.C., após também serem contados e recontados através dos séculos e advirem também da tradição oral – desta vez a tradição oriental - começaram a ser escritos os contos árabes – *As mil e uma noites* -, e, bem mais tarde, reunidos e traduzidos para a cultura ocidental pelo francês Antoine Galland, no século XVII. A obra compõe-se de doze volumes e apresenta um encadeamento contínuo de histórias, isto é, uma história contém outra história, que por sua vez contém outra e assim por diante.

Esopo era um fabulista grego e escravo, nascido pelo ano de 620 a.C.. Tornou-se célebre por suas fábulas. Séculos mais tarde, muitas traduções foram feitas para várias línguas. Antes do advento da impressão, as fábulas de Esopo eram ilustradas em louça, em manuscritos e até em tecidos. Levanta-se a possibilidade de sua obra ser uma compilação de fábulas ditadas pela sabedoria popular da antiga Grécia e de que sequer Esopo tenha existido. Seja lá como for, o importante é a imortalidade da obra a ele atribuída.

Suas narrativas são, geralmente curtas, bem-humoradas e relacionadas ao cotidiano; encerram em si uma linguagem simples, com simples conselhos sobre lealdade, generosidade e as virtudes do trabalho, a moral é

representada por um pensamento, nem sempre relacionado diretamente à narrativa e, é claro, os personagens são, basicamente, animais que apresentam comportamento humano.

As fábulas foram traduzidas para o latim, aperfeiçoadas e enriquecidas estilisticamente por Fedro, um escravo romano do século I a.C. Somente no século X começaram a ser conhecidas as fábulas latinas de Fedro e foram introduzidas na literatura ocidental, a partir do século XVII, por La Fontaine, que lança sua primeira coletânea em 1668.

Nesta mesma linha, La Fontaine, preocupado com a falta de humanidade das pessoas para com o próximo, utilizava-se dos animais para mostrar às pessoas o quanto precisamos ser solidários e afetivos. São dele as famosas e conhecidas fábulas *A cigarra e a formiga* e *O lobo e o cordeiro*, entre outras, razão por que é considerado o mestre da fábula. La Fontaine, no entanto, sugere com mais vigor do que Esopo o fato de ser a vida uma selva. Tratava temas sérios como o poder, a cobiça, a violência com uma aceitação filosófica. Escreveu suas fábulas em versos leves e naturais. A despeito de seu pessimismo e sua sofisticação, as fábulas ainda desempenham um papel importante na educação das crianças de muitos países. Observe uma pequena comparação entre uma mesma fábula nas versões de Esopo e de La Fontaine:

### ***A raposa e as uvas – de Esopo***

*Uma raposa entrou faminta num terreno onde havia uma parreira, cheia de uvas maduras, cujos cachos se penduravam, muito alto, em cima de sua cabeça. A raposa não podia resistir à tentação de chupar aquelas uvas, mas, por mais que pulasse, não conseguia abocanhá-las. Cansada de pular, olhou mais uma vez os apetitosos cachos e disse:*

*- Estão verdes...*

*É fácil desdenhar daquilo que não se alcança.*

***A raposa e as uvas – de La Fontaine***

*Certa raposa astuta, normanda ou gascã,  
quase morta de fome, sem eira nem beira,  
andando à caça, de manhã,  
passou por uma alta parreira  
carregada de cachos de uvas bem maduras.  
Altas demais – não houve impasse:  
“Estão verdes... já vi que são azedas, duras...”  
Adiantaria se chorasse?*

Embora La Fontaine tenha alterado ou enriquecido substancialmente os argumentos e o espírito das fábulas que retomou dos Antigos, ele não tocou no caráter ou na simbologia que seus antecessores atribuíram aos animais, como se pode notar no exemplo acima. Apesar de aparentemente infantis, suas Fábulas estão permeadas de pensamentos filosóficos.

## 3 OS DIVERSOS TIPOS DE TEXTOS INFANTIS

### 3.1 Fábulas

Sabemos que no latim *fari* significa falar e no grego *Phaó* é igual a dizer, contar algo. Fábula é uma narração breve, bem humorada, de natureza simbólica, cujos personagens são animais ou seres inanimados que pensam, agem e sentem como os seres humanos, vivem situações propriamente humanas e de seu cotidiano, que tem por objetivo transmitir uma moralidade que reflita os costumes sociais da época em que foi criada.

DE OLIVEIRA (2004) não deixa esquecer que

[...] a presença dos animais deve-se, sobretudo, ao convívio mais efetivo entre homens e animais naquela época. O uso constante da natureza e dos animais para a alegorização da existência humana aproxima o público das 'moralidades'. Assim apresentam similaridade com a proposta das parábolas bíblicas. Algumas associações entre animais e características humanas, feitas pelas fábulas, mantiveram-se fixas em várias histórias e permanecem até os dias de hoje: leão – poder real; lobo – dominação do mais forte; raposa – astúcia e esperteza; cordeiro – ingenuidade.

Nas fábulas, há uma preocupação com o real, através do lúdico e/ou do pedagógico, pois, ao mesmo tempo em que divertem, também buscam valorizar as virtudes, os sentimentos, há uma preocupação em tornar as pessoas mais humanas, através de contos que retratam a nossa realidade. “A aparência de entretenimento camufla a proposta didática presente” (COELHO, 1991, p. 31).

As fábulas vararam séculos seguindo duas linhas, a literária (transmitida por escritores, através de suas obras deixadas) e a popular

(tradicionalmente transmitida oralmente, de geração a geração), mas que têm em comum o encanto e a imaginação proporcionada ao leitor. Vejamos, abaixo algumas delas:

### **3.1.1 A mosca**

*Uma mosca caiu numa panela de sopa. Afogada no caldo e já quase morrendo ela disse para si mesma: “Se já comi, já bebi e já tomei um banho, que me importa morrer?”.*

Moral: Suportamos a morte com mais facilidade quando a ela não associamos pensamentos tristes.

Esopo

### **3.1.2 A raposa e a máscara**

*Uma raposa entrou na casa de um ator. Ficou mexendo em suas coisas e encontrou uma máscara muito bem feita. Tomou-a entre as patas e exclamou: “Que bela cabeça, mas é oca.”*

Moral: O mesmo se pode dizer das pessoas belas, mas sem inteligência.

Esopo

### **3.1.3 A galinha dos ovos de ouro**

*Um homem tinha uma galinha que botava ovos de ouro. Achando que por dentro ela era só ouro, matou-a, mas não encontrou nada de diferente.*

Moral: Cuidado com a ambição. Contenta-te com o que já tens.

Esopo

### **3.1.4 O touro e as cabras selvagens**

*Perseguido por um leão, um touro se escondeu numa gruta onde estavam algumas cabras selvagens. Elas, então começaram a lhe dar chifradas. O touro lhes disse: “Se eu suporto seus golpes é porque tenho medo, não de vocês, mas daquele que está na entrada da gruta”.*

Moral: O medo de um grande mal nos ajuda a suportar um mal menor.

Esopo

### **3.1.5 O lobo e o cordeiro**

*A razão do mais forte é a que vence no final (nem sempre o Bem derrota o Mal). Um cordeiro a sede matava nas águas limpas de um regato. Eis que se avista um lobo que por lá passava em forçado jejum, aventureiro inato, e lhe diz irritado:*

- “Que ousadia a tua, de turvar, em pleno dia, a água que bebo! Hei de castigar-te!”.

- “Majestade, permiti-me um aparte”.- diz o cordeiro. – “Vede que estou matando a sede água a jusante bem uns vinte passos adiante de onde vos encontráis. Assim, por conseguinte, para mim seria impossível cometer tão grosseiro acinte”.

- “Mas turvas, e ainda mais horrível foi que falaste mal de mim no ano passado”.

- “Mas como poderia” - pergunta assustado o cordeiro -, “se eu não era nascido?”.

- “Ah, não? Então deve ter sido teu irmão”.

- “Peço-vos perdão mais uma vez, mas deve ser engano, pois eu não tenho mano”.

- *“Então, algum parente: teus tios, teus pais... Cordeiros, cães, pastores, vós não me poupais; por isso, hei de vingar-me” – e o leva até o recesso da mata, onde o esquarteja e come sem processo.*

La Fontaine

Apesar dos modelos apresentarem diferenças de estilo entre os textos produzidos pelos diferentes autores, percebe-se, em ambos a preocupação em transmitir algum ensinamento moralizador, a utilização dos animais com características e atributos humanos como forma de camuflar essa intenção pedagógica.

As fábulas seguem sempre essa mesma linha de linguagem e recursos até os dias de hoje.

### **3.2 Lendas**

Quando os homens ainda não escreviam, a necessidade de conservar e reter suas lembranças apoiava-se na tradição oral. Contavam somente com a memória, que muitas vezes, é certo, é traiçoeira. Sempre que ela falhava, a imaginação tomava seu lugar para substituí-la, e a imaginação encontrava ali, naquele mundo cheio de fenômenos inexplicáveis, o solo fértil que precisava para se desenvolver e criar seus seres maravilhosos ou assustadores, que possuíam o poder de encantar ou amaldiçoar.

O homem sentia necessidade de encontrar qualquer explicação para tudo o que ocorria ao seu redor, sentia medo do aparentemente inexplicável e ameaçador na inclemência do seu meio ambiente e procurava alívio em alguma força totalmente oposta e alentadora, ou seja, com seu medo criou seus demônios e com sua esperança e fé criou seus deuses. Foi fácil criar o restante de seres que os acompanhavam.

Todo o assombro e temor do homem frente ao mundo, e toda a explicação que ele tentava dar sobre as coisas que o rodeavam estão claramente contidas nas lendas, principalmente nas mitológicas, que criaram, consolidando-os como seres superiores por agirem de forma racional.

As lendas, narrações em que os fatos históricos são deformados pela imaginação do poeta, demonstram a riqueza do nosso folclore para a literatura infantil.

### **3.2.1 Atlântida**

*Um pobre casal, chamado Evenor e Leudíce, vivia em uma ilha pedregosa, com a filha, Clito. Posêidon, deus do mar, ficou enfeitiçado pela beleza de Clito e a esposou. Ele, então, reformou a ilha para fazer dela uma morada digna de sua noiva. Ele a modelou em uma série de cinturões circulares de mar e terra, com uma bela ilha no centro que se aquecia ao sol. Os ricos campos produziam trigo, frutas e vegetais em abundância, os montes e florestas tinham toda a espécie de animais - até manadas de elefantes - e no subsolo havia vários minérios preciosos.*

*Clito deu a Posêidon cinco pares de gêmeos. Todos eles eram reis e o mais velho, Atlas, era o maior dos reis, e depois deles, seus filhos. O belo reino era chamado de Atlântida.*

*O povo de Atlântida era sábio na arte da paz e da guerra e logo liderava os povos do Mediterrâneo. Todos os reis da ilha contribuía para o estoque de riquezas do país. O lado de fora do muro da cidade de Atlântida era revestido de bronze, e o lado de dentro, de estanho. O palácio no centro e o templo de Posêidon eram cobertos de ouro. Os edifícios eram construídos de*

*pedras brancas, pretas e vermelhas; às vezes uma única cor, às vezes, com combinações intrincadas. Um grande porto se abria para o mar, e pontes foram construídas entre os cinturões de terra. Assim era Atlântida nos seus dias de glória.*

*Por muitos anos, os reis governavam sabiamente e bem, cada um passando sua sabedoria para seu herdeiro. Mas à medida que as gerações se sucediam, o sangue divino dos reis se tornou mais fraco e eles caíam, cada vez mais, sob a influência das paixões mortais e desejos mundanos. Quando antes valorizavam os tesouros apenas por sua beleza, agora eram presas da cobiça. Onde antes o povo tinha vivido em amizade e harmonia, agora disputavam pelo poder e glória. O Grande Zeus, vendo sua raça favorita se afundar, dia a dia, no poço das ambições e vícios humanos, repreendeu Posêidon por deixar tal coisa acontecer. E Posêidon, magoado e furioso, agitou o mar. Uma onda colossal cobriu Atlântida e a ilha submergiu para sempre sob as águas.*

*Onde ela está, ninguém sabe ao certo - nem se, sob o oceano, os filhos de Posêidon andam outra vez pelas ruas de Atlântida em paz e sabedoria, ou se apenas os peixes passam pelas ruínas carcomidas da cidade mitológica.*

A lenda não é mais do que o pensamento infantil da humanidade, em sua primeira etapa, onde o argumento é tirado da tradição, pois é uma forma de narrativa muito antiga que reflete perfeitamente o drama humano perante o desconhecido, onde forças naturais e ocultas atuam sempre. Onde o maravilhoso e o imaginário sobrepõem o histórico e o verdadeiro.

A lenda reafirma a presença do destino, ou seja, tudo aquilo contra o que não se pode lutar, despertando sempre um sentimento de fatalidade,

reafirmando a inferioridade do homem, sujeito sempre à vontade e ao capricho de deuses e seres que lhe são superiores, inibindo, de certa forma, a iniciativa, já que o pensamento do homem era dominado pela força do desconhecido.

### 3.3 Contos de Fadas

Contados e recontados de geração para geração, em versões variadas, os contos de fadas há séculos permeiam e fazem parte do cotidiano de crianças e adultos, sem perder o brilho e o encanto de suas histórias, em especial os contos clássicos como “A Branca de Neve”, “Chapeuzinho Vermelho”. “O Patinho Feio”, “A Cinderela”, entre outros.

Considerado (o conto de fadas folclórico, ou clássico, se preferir) pela Psicanálise como o tipo de texto infantil que as crianças acham mais satisfatórios do que todas as outras histórias infantis. De acordo com o que concluiu a partir de anos de pesquisa e experiência, BETTELHEIM (1978, p. 14) afirma que:

[...] estes contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e – sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe – oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.

Para que um conto realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade, através de um contexto que reúne personagens e situações que representam o mal, que no final da história acaba vencido pelo bem. “Quanto às ações, a regra é: prêmio para o Bem e castigo para o Mal” (COELHO, 1991, p. 161), fazendo com que a criança triunfe juntamente com o personagem que representa o bem. O interessante do conto é que ele aceita inúmeras interpretações, depende de quem, embora do mesmo leitor, mas em diferentes fases de sua vida, como nos sugere BETTELHEIM (1978 p. 21):

É interessante observar que, por exemplo, alguns vêm no motivo de Chapeuzinho Vermelho sendo engolido pelo lobo o tema da noite devorando o dia, da lua eclipsando o sol, do inverno substituindo as estações quentes, do deus engolindo a vítima sacrificial, e assim por diante.

O especial de um conto fica por conta da interpretação feita pela criança, sem que o adulto lhe adiante o final da trama, fazendo com que a criança possa dar asas à sua imaginação e astúcia.

Os contos de fadas tornam claras suas semelhanças com situações e pessoas da vida real, como por exemplo “O Patinho Feio” e “Chapeuzinho Vermelho”, entre outras que dão vida ao inanimado, tornando-os mais fantásticos do que verdadeiros, mas, nas entrelinhas, com a preocupação de passar alguma mensagem e valorizar os sentimentos internos das pessoas, em especial das crianças.

A estrutura básica dos contos de fadas obedece aos seguintes passos:

- **Início:** nele aparece o herói (ou heroína) e sua dificuldade ou restrição. Problemas vinculados à realidade, como estados de

carência, penúria, conflitos,..., que desequilibram a tranqüilidade inicial;

- **Ruptura:** é quando o herói se desliga de sua vida concreta, sai da proteção e mergulha no completo desconhecido;
- **Confronto e superação de obstáculos e perigos:** busca de soluções no plano da fantasia com a introdução de elementos imaginários;
- **Restauração:** início do processo de descobrir o novo, possibilidades, potencialidades e polaridades opostas;
- **Desfecho:** volta à realidade. União dos opostos, germinação, florescimento, colheita e transcendência.

### **3.3.1 Branca de Neve**

Um clássico da literatura, recolhida e compilada da memória popular alemã – esse conto não é de origem germânica, mas nessa época já estava incorporado à tradição oral germânica - pelos irmãos Grimm, Branca de Neve relata a história de uma menina vulnerável aos maus tratos da madrasta, a qual não aceita que a menina, na pré-adolescência, seja mais bonita do que ela que, insistentemente pede que o espelho confirme que ela, a madrasta, é a mais bela de todas as mulheres daquele reino, demonstrando com veemência o seu narcisismo, que acaba gerando um conflito familiar. Apesar do ciúme da madrasta e de todas as maldades a que submeteu a menina, esta consegue sobreviver e, ao final da história, encontra a verdadeira felicidade.

O sentido humanitário está presente em diversas situações como no momento em que o caçador decide libertar a menina, arriscando a própria vida com esse ato somado ao de enganar posteriormente a madrasta levando-lhe e apresentando o coração de um cervo como prova da execução. Está presente, também na guarida dada pelos anões à moça.

O cultivo às qualidades do caráter acima da beleza é característica da personagem central, que se apresenta despida de vaidade. Primeiramente imposta, pois desde menina a madrasta a obriga a vestir-se com trapos e servi-la como uma simples criada do castelo. Essa condição, encarada por Branca de Neve como inevitável, é por ela assimilada com resignação e nem por isso seu espírito se contagia pelo ódio, pelo desejo de vingança ou pelo desespero. Este é tão inocente que ela nem percebe que se tornou uma bela moça – motivo do desencadeamento da inveja na madrasta e do sofrimento que esta lhe infligirá.

A palavra que paira no ambiente quando ouvimos/lemos este conto é esperança. Há o predomínio da confiança na vida, os personagens lutam por seus ideais. Nota-se uma preocupação com a sobrevivência e as necessidades básicas do indivíduo, o cultivo da amizade verdadeira é homenageado, no momento que, perdida e sem saída, encontra uma, não, sete mãos amigas.

Em oposição a isso, a insaciabilidade humana causa transtornos sem tamanho. Na ânsia de prejudicar aos outros, a madrasta nem percebe que está prejudicando a si mesma. Nem consegue ver que ao transformar-se em doce velhinha, vislumbra, no próprio espelho que alimentava sua vaidade feroz, a verdadeira face da sua feia alma. Não prevê que, quando sair em jornada com o propósito único de destruir seu suposto obstáculo para atingir seu ideal de beleza absoluta, encontrará e provocará a sua própria morte.

### **3.3.2 O Patinho Feio**

Hans Christian Andersen, autor de *O Patinho Feio* foi muito feliz ao escrever uma estória, buscando valorizar a pessoa como, essencialmente, um ser humano e não pelo lado materialista, desconsiderando aparência física ou classe social. O pequeno cisne, personagem principal do conto, representa as pessoas excluídas de uma sociedade que se mostra indócil e pouco generosa com os que fogem dos padrões por ela estipulados.

A utilização de animais como principais personagens aproximam este conto da fábula. É quase explícita uma moral da história – as aparências enganam. Os animais possuem características humanas, pensam, falam e passam por problemas como se fossem humanos, sem que em nenhum momento isso venha a ser questionado, integrando, naturalmente, o elemento mágico na história.

A trama central envolve, acima de tudo, uma situação real vivida por toda criança: ser diferente. BETTELHEIM (1978, p.18) explica que:

O conto de fadas toma estas ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte. Ademais, o conto de fadas oferece soluções sob formas que a criança pode apreender no seu nível de compreensão.

Para a Psicanálise, o fato de a criança viver este dilema através do mundo maravilhoso favorece a resolução dessa situação real de maneira inconsciente via fantasia.

A narração dos problemas de adaptação e aceitação vividas pelo personagem principal serve como pano de fundo para plantar a semente da

lição que o autor procurou passar que é a valorização do indivíduo por suas qualidades intrínsecas e não por seus privilégios e atributos exteriores.

O fato do personagem não ser belo é a grande razão da história e a metamorfose pela qual o protagonista passa, nada mais é do que as transformações pelas quais todos passamos até encontrar e construir a nossa verdadeira identidade. A transformação do patinho feio (que ele julgava ser) em lindo cisne branco (valor que realmente ele tem) dança deliciosamente, diante dos nossos olhos com o famoso final feliz; e a esperança de que tudo dará certo, no fim, apesar de todo o sofrimento, aquece nossos corações.

### **3.3.3. *As mil e uma noites***

A narrativa de *As mil e uma noites* apresenta a história de Shahriar e Sheherazade como pano de fundo para as outras histórias ou contos da tradição oral da cultura muçulmana. Trata-se, este pano de fundo, de uma história do nascimento e da vida do amor e da redenção que só ele é capaz de proporcionar. O amor, por muito tempo, apenas acena de longe e ameaça, a cada noite, escapular por alguma fresta, terminando com todas as esperanças de uma paciente, porém convicta, mulher.

O casamento do sultão com Sheherazade decorrera em circunstâncias terríveis. O rei Shahriar surpreendera sua mulher na cama com um escravo e, profundamente magoado e enraivecido, decapitara-os a ambos. No, entanto descobriu que os assassinatos não aplacaram a sua cólera. A vingança, para ele, tornou-se obsessão. Precisava matar mais mulheres. Seu espírito estava mergulhado na mais terrível escuridão e por isso pediu ao vizir que lhe levasse uma donzela diferente todas as noites. Desposava-as, passava a noite com elas e, ao amanhecer, ordenava que as executassem.

Assim fez durante três longos anos, até que o povo levantou o seu grito irado contra ele e o amaldiçoou, pedindo a Alá que acabasse com ele e o seu reinado. Mães choravam, os pais fugiam com suas filhas até que na cidade não ficou uma única mulher para a cópula maldita.

Na verdade restaram apenas duas donzelas: Sheherazade, a filha mais velha do vizir e sua irmãzinha Dinarzade. Quando o vizir contou-lhes o seu problema, ficou surpreso com a reação de Sheherazade, que se ofereceu imediatamente para passar a noite com o sultão.

O vizir, é claro, amava sua filha e opô-se ao plano da jovem, mas ela estava convencida de que possuía um poder excepcional, que poria um fim às mortes. Curaria a alma perdida do sultão falando-lhe de coisas que haviam acontecido aos outros. Levá-lo-ia a terras longínquas para que observasse costumes estranhos para poder tomar consciência da sua própria estranheza interior. Arranjaria para que visse sua própria maldição, o ódio que nutria pelas mulheres.

Ela acreditava que podia, através de seus contos maravilhosos, fazer com que o rei visse a si próprio, desejasse mudar e amar mais.

E assim aconteceu. Depois da primeira noite de amor com o sultão, Sheherazade, começou a contar-lhe um conto maravilhoso, e quando estava para amanhecer, habilmente, interrompeu-o justamente na parte mais emocionante, o que fez com que ele não conseguisse suportar separar-se dela e mandar executá-la pela manhã. Na noite seguinte ela prosseguiu com o conto, entrou noutro, dentro daquele, interrompendo-os pela manhã, com a promessa de que continuaria.

E dessa maneira foi, noite após noite, com sua missão de amor, até que o rei não conseguiu mais imaginar a sua vida sem ela.

O título do livro, segundo o escritor argentino Jorge Luis Borges, é o mais belo do mundo, porque existe no livro uma impressão de infinito que já viria do título. De modo geral, a palavra “mil” lembra algo infinito, e dizer “mil

noites” equivale a dizer muitas, inumeráveis noites. Dizer “mil e uma” é como acrescentar uma além do infinito.

[...] E fascina exatamente porque – No caso de *As mil e uma noites*, isto já está anunciado no nome – trabalha com a nossa esperança de eternidade, de permanência. *As mil e uma noites*, assim como a *Teogonia* de Hexíodo, trabalha com o que é fundamentalmente humano: sentimentos, emoções, desejos, paixão, amor, ódio, medo, enfim, tudo isso que é profundamente humano (CUNHA, 2004).

É notável a semelhança na origem e no conteúdo daqueles que se tornaram clássicos e permaneceram exercendo seu fascínio até os dias de hoje, pois praticamente todos, antes de serem registrados, foram retirados da tradição oral popular, e todos, sem exceção, tem como conteúdo questões humanas universais.

Curioso é que em nenhum momento o conto fala da beleza de Sheherazade, fator inquestionável na imaginação ocidental. Fala, sim, sobre sua cultura e habilidade com as palavras e sua total crença de que o ato de ouvir e contar histórias era realmente transformador.

### **3.4 Poesias**

Revolucionária por natureza, a atividade poética é capaz de revelar diferentes mundos com base em diferentes interpretações de poesias que retratam a realidade e os sonhos através do conhecimento, da salvação, do poder, do abandono... da exclusão, razão por que a linguagem poética destaca-se como um dos mais adequados instrumentos didáticos atuais.

A poesia tem a função de expressar manifestações de fantasia, de imaginação e de sonhos, traduzindo as emoções da criança que a percebe. Mas, para isso, precisa ter clareza nas idéias, vocabulário simples e não

podem ser muito longas. O poema cantado é uma das formas que mais agrada à criança.

Cantigas de roda, parlendas, canções de ninar exercem sobre a criança um extremo fascínio. As crianças amam as palavras por sua própria sonoridade e ritmo, e é através de um convívio lúdico com as palavras, inconscientemente, estabelecem uma ligação com a poesia.

A poesia deve atuar, para a criança, sobre os seus sentidos e emoções. Todo o poema que contiver fórmulas verbais e sonoras, repetitivas – rimas finais, refrão, aliteraões... – são justamente os que irão atrair o gosto infantil. Os significados que se possa pretender passar ficarão em segundo plano.

Abaixo Henriqueta Lisboa registra a ação libertária da criança que neutraliza as ordens recebidas. Veja só:

### **3.4.1 *Tempestade***

*- Menino, vem para dentro*

*olha a chuva lá na serra,*

*olha como vem o vento!*

*- Ah! Como a chuva é bonita*

*e como o vento é valente!*

*- Não sejas doido, menino,*

*esse vento te carrega,*

*essa chuva te derrete!*

*- Eu não sou feito de açúcar*

*para derreter na chuva.*

*Eu tenho força nas pernas*

*para lutar contra o vento!*

*E enquanto o vento soprava*

*e enquanto a chuva caía,  
que nem um pinto molhado,  
teimoso como ele só:  
- Gosto de chuva com vento,  
gosto de vento com chuva!*

A brevidade das estrofes, os versos curtos e o movimento da tempestade dão ao poema o encanto e a ludicidade que agrada o espírito infantil.

## 4 A PRESENÇA DO FANTÁSTICO E DO MARAVILHOSO NAS NARRATIVAS INFANTIS

Novamente retornaremos à lembrança de que a nossa infância individual tem estreita ligação de similaridade com a “infância” da humanidade. Temos, já, o conhecimento do momento em que a literatura infantil estabeleceu-se como gênero, mas também sabemos que as histórias que deram origem a tal gênero datam de muito mais tempo.

Não é difícil entendermos que, na sua origem, a literatura tinha um caráter essencialmente fantástico, tal como era recheada a imaginação popular dessa mesma época. O conhecimento científico dos fenômenos da vida natural e humana era inacessível ao homem daquele tempo. Sendo assim, o pensamento mágico, a credulidade no fantástico e o medo do desconhecido dominavam esse homem, impedindo o raciocínio lógico que conhecemos hoje. Nessa fase, o conto e o relato sagrado se confundiam. “Os mais velhos *contavam* aos mais jovens suas origens, para informá-los dos atos a que estavam submetidos: para justificar as proibições que lhes eram feitas, por exemplo. O relato fazia parte do ritual religioso [...]”, explica GOTLIB (2003, p. 24). Inclusive, houve tempo em que era proibido narrar qualquer coisa, pois o ato de narrar, acreditava-se, estava carregado de funções mágicas, que não eram permitidos a todos.

PROPP (1978, p. 528) afirma que “o relato faz parte do cerimonial, do rito, está vinculado a ele e à pessoa que passa a possuir o amuleto; é uma espécie de amuleto verbal, um meio para operar magicamente o mundo”.

O mundo de hoje pouco ou nada tem a ver com o descrito anteriormente. Se por um lado a expansão da tecnologia e do sistema cibernético em nossa vida diária é altamente positiva, pois oferece conforto,

progresso, dinamismo social, comunicação, etc, por outro é perigosa, pois a ameaça de robotização ou automatização dos indivíduos torna-se o preço a pagar para não ser excluído da engrenagem social.

No mundo em que vivemos hoje não existe espaço para as credices do passado, nem isso é desejável, é certo, mas não podemos esquecer que esse mesmo mundo atual é solo fértil para o crescimento desenfreado justamente daquilo que tentamos evitar – a desumanização.

A comum convivência e o equilíbrio entre esse poder uniformizante da tecnologia/informática e o poder libertário e criador da mente humana parece ser o melhor rumo a ser tomado.

Devemos, então, entender que nos dias de hoje, quando se delineia o mundo previsto e arrebatado pela ciência, é justamente (e ironicamente) o momento que voltamos a precisar daquele velho poder criador e criativo da mente humana, da imaginação, do fantástico, da magia.

JUNG (1962, p. 75) preconizava que:

[...] a imaginação, a fantasia (presente nos Mitos e na Literatura) é acima de tudo a atividade criativa na qual podemos encontrar as respostas para todas as perguntas que podem ser respondidas: ela constitui a origem de todas as possibilidades do viver.

Os estudos das manifestações culturais e a psicanálise contribuem para o resgate do interesse pelos contos de fadas.

[...] após a guerra de 1939 – 45, a aprovação psicanalítica dos contos de fadas como sendo altamente terapêuticos e educativos [...] sem dúvida contribuiu para esse retorno à respeitabilidade, e daí a fruição, de reinos encantados ilusórios.(WARNER, 1999, p.435)

Apesar das críticas que recebem: serem mentirosos, conterem terror, mostrarem o lado selvagem do ser humano, percebe-se, nesses tempos de pós-modernidade, a tendência de buscar novamente a fantasia com sentido compensatório.

O maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças e a tendência que os adultos têm de racionalizar, banir, alegando que quanto mais cedo a criança encarar a realidade, roubam delas as importantes contribuições que os contos de fadas poderiam dar a suas vidas. BETTELHEIM (1978, p.31) afirma que:

[...] as imagens dos contos de fadas ajudam a criança melhor do que qualquer outra coisa na sua tarefa mais difícil e, contudo, a mais importante e satisfatória: conseguir uma consciência mais madura para civilizar as pressões caóticas de seus inconscientes.

A criança percebe, não é enganação, que os contos de fadas não fazem parte da realidade externa, mas deixa-se seduzir por eles porque se harmonizam com sua realidade interna. Ela sabe muito bem que “a verdade dos contos de fadas é a verdade de nossa imaginação”.(BETTELHEIM, 1978, p. 148). Não é preciso temer que as crianças sejam arrebatadas pela fantasia e, com isso passem a acreditar em mágica, atrasem seu crescimento e passem por tolos diante dos amigos, pois toda criança acredita em mágica, e deixa de fazê-lo ao crescer.

O recurso do fantástico, que alguns tanto questionam, na verdade, é um poderoso elemento facilitador da compreensão da criança. Precisamente, por se aproximar da forma como esta vê o mundo, lembrando que, até mais ou menos seis anos, todos nós vemos o mundo de uma forma um pouco mágica. Nessa altura, somos incapazes de compreender respostas realistas.

## 5 A ETERNIDADE DOS CLÁSSICOS

Todo conto clássico teve de se adaptar sucessivamente a diversos contextos sócio-históricos para poder sobreviver. Se ignorarmos isso, torna-se difícil compreender a evolução e a transformação de um determinado conto ou mesmo alguma relativa imutabilidade na sua forma.

Os contos de fadas, apesar de estarem ligados à realidade social, econômica e política de outras épocas – principalmente à da Europa medieval – despertam interesse, porque são independentes do espaço e do tempo em que foram imaginados e contados pela primeira vez. O lugar onde localiza sua narrativa e o tempo em que ela ocorre tornam-se apenas um detalhe pouco relevante diante da satisfação que produz ao leitor/ouvinte ao perceber que esses contos delineiam experiências reais e seus personagens apresentam impulsos e temores, conscientes ou inconscientes, semelhantes aos seus.

Os contos de fadas lidam com problemas universais e com sentimentos próprios da natureza humana, os bons e os maus. Segundo BETTELHEIM (1978, p. 17):

[...] Queremos que nossos filhos acreditem que, inerentemente, todos os homens são bons. Mas as crianças sabem que elas não são sempre boas: e com frequência, mesmo quando são, prefeririam não sê-lo. Isto contradiz o que é dito pelos pais, e, portanto faz a criança sentir-se um monstro a seus próprios olhos [...] As figuras nos contos de fadas não são ambivalentes – não são boas e más ao mesmo tempo, como somos todos na realidade. Mas dado que a polarização domina a mente da criança, também domina os contos de fadas, [...] Há alguns contos de fadas amorais, onde a bondade ou a apresentação das polarizações de caráter permite à criança compreender facilmente a diferença entre as duas, o que ela não poderia fazer tão

prontamente se as figuras fossem retratadas com mais semelhança à vida, com todas as complexidades que caracterizam as pessoas reais.

Os contos de fadas atacam idéias pré-concebidas e defendem causas perdidas, como bem exemplifica o caso de Aladim que vive na completa miséria e consegue conquistar o amor de sua Yasmin, o respeito do sultão e a mão da amada; ou o caso do príncipe de Rapunzel quando cegado e abandonado pela bruxa no deserto, ainda assim foi encontrado pela amada, ou mesmo Tarzan, na versão em que a Disney transformou sua história num conto de fadas, quando, expulso do grupo de macacos e desolado, ao perceber no reflexo da água do rio o quão diferente era da sua amada mãe macaca, é convencido por ela mesma, quando ela prova, amorosamente, que são iguais, já que seus corações batem da mesma forma e no mesmo ritmo.

A curiosidade embora castigada, é incentivada, a pobreza, embora opressora pode ser vencida, a perda, embora avassaladora, pode ser superada, a exclusão, embora disseminada, pode ser revertida.

[...] tais contos ou figura típicas como o “gato de Botas”, que arranja o sucesso do herói através da trapaça, e João, que rouba o tesouro do gigante, constroem o personagem não pela promoção de escolhas entre o bem e o mal, mas dando à criança a esperança de que mesmo o mais medíocre pode ter sucesso na vida.(BETTELHEIM,1978,p.18)

Somente quando alcançamos um nível de maturidade, quando enfrentamos nossos medos e quando almejamos um mundo melhor, somos capazes de nos tornar mais humanos e aceitar a diversidade. Somente quando compreendemos a nós mesmos e saímos libertos do nosso egoísmo, somos capazes de reconhecer que os medos, as angústias, os limites, também existem para os outros, e, assim como precisamos de ajuda,

outros precisam também. HOFFMANN apud CARVALHO (2004, p. 4) avalia que:

[...] somos diferentes. Essa é a nossa condição humana. Pensamos de jeitos diferentes, agimos de formas diferentes, sentimos com intensidades diferentes. E tudo isso porque vivemos e apreendemos o mundo de forma diferente. A questão não é se queremos ou não ser diferentes. Mas que, como seres humanos, nossa dignidade depende substancialmente da diversidade, da alteridade (por isso, a possibilidade da clonagem nos choca tanto), porque precisamos garantir o caráter subjetivo de nossa individualidade.

Ao mesmo tempo em que defendem aspirações tradicionais, os contos de fadas minam estes ensinamentos tradicionais, Desafiam idéias estabelecidas e levantam questões na mente do público. São transgressores quando predomina o preconceito, a dominação, a desumanização. Apresentam uma justiça poética: o filho mais novo, mais tolo, mais desvalorizado pela família e pela comunidade é quem se casa com a princesa; o patinho mais feio da ninhada é quem na primavera cresceu e se transformou no mais belo e prateado cisne do lago; foi na irmã rejeitada, tratada como criada e mais suja com as cinzas da lareira que coube o sapatinho de cristal.

São esses os contos que falam de medos, de amor, da dificuldade de ser criança, de carências, de autodescobertas, de perdas e buscas, da vida e da morte.

Os velhos contos de outrora nunca são gratuitos; fornecem uma explicação do mundo, são as expressões de terror e de esperanças muito profundas, são uma escola de sabedoria, um magma primordial em que cada povo foi depositando os seus medos, as suas angústias, os seus protestos, suas soluções, sua esperança num mundo melhor.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos numa sociedade, e essa tendência vem de muito tempo, onde certos ideais estão enraizados e cristalizados. Um deles é o conceito de vencedor: quem progride está certo e é abençoado por Deus. O inverso desse raciocínio seria: quem tem dificuldades para vencer, ou seja, o derrotado, é, por conseguinte, amaldiçoado. A história está aí para dar testemunho e mostrar que quando esse conceito foi levado aos limites, o preço foi muito alto – um lamentável retrocesso na escala evolutiva da humanidade. Pagamos todos nós. Uns com a vida e outros com a vergonha de ter que reconhecer até que ponto somos, nós, seres humanos, capazes de chegar.

No discurso nazista, toda uma categoria de diferentes seria prejudicial ao resto da sociedade, e, sem oferecer contrapartida, desfrutariam de recursos dos que eram considerados produtivos. Com essa justificativa, judeus, ciganos e pessoas com disfunções variadas foram condenadas à morte. Para os espartanos, toda a criança que nascesse defeituosa devia ser eliminada.

Não duvidemos, pois, do que unidos somos capazes de fazer. Não descuidemos do tipo de mundo que podemos construir, ou desconstruir, se não cultivarmos valores essenciais em nossas crianças, desde a mais tenra idade.

A criança que cresce num ambiente onde o preconceito, de qualquer natureza, é algo perfeitamente normal, dificilmente encarará o mundo de outra forma. Mas, se por acaso, dermos a oportunidade para os nossos filhos de conhecer e respeitar as diferenças existentes em cada pessoa, ela desde pequena terá a chance de aprender com isso, e será mais possível que cresça e se torne um ser humano melhor.

A arte, e, por extensão, a literatura, como já vimos antes, possui esse poder de ajudar nessa nossa eterna busca por transformação, que nos levaria a nossa própria humanização. E acredito, conforme a direção tomada, no percurso de todo esse trabalho, que é necessário e possível que a busca por essa transformação possa acontecer desde muito cedo.

Proporcionar à criança o conhecimento desses clássicos, cheios de sabedoria popular, alguns dos quais com centenas de anos de carga de experiências genuinamente humanas, e contados recentemente pelas nossas avós, é, sem dúvida uma poderosa ferramenta que está ao alcance de todos, na tentativa de humanizar desde a infância.

Buscamos, nessa pesquisa bibliográfica, chamar a atenção sobre a crença de que o poder da palavra, através de contos literários, é capaz de despertar o prazer, a fantasia e a sensibilidade. Que a sua leitura proporciona à criança um significado especial a sua vida e uma maior compreensão, uma melhor aceitação dos seus fracassos, suas angústias e seus medos.

A arte literária aborda temas como o preconceito, a falta de humanidade para com o próximo e a exclusão. Num momento em que as discussões sobre inclusão se acirram e emergem como ponto forte na luta contra a desigualdade social, não é mais possível pensar na possibilidade de que a discriminação continue enraizada no seio de uma sociedade que se diz preocupada em garantir o bem-estar social de seus cidadãos.

Segundo dados da Psicologia, encontrados nos livros que serviram como base para esta pesquisa, a mentalidade popular e a infantil identificam-se entre si por uma consciência primária na apreensão do eu interior e da realidade exterior, razão por que dificilmente a experiência humana poderá ser definida com exatidão, pois é complexa, fascinante, misteriosa e essencial à própria condição humana.

Percebemos o quanto a sociedade atual necessita passar por um processo de humanização no sentido de oportunizar a inclusão daqueles que se julgam ou são apontados como incapazes, sem ao menos lhes permitir que manifestem seus medos, suas ansiedades e suas perspectivas em relação à sociedade que tem se mostrado tão indolente, fazendo com que o número de excluídos aumente considerável e assustadoramente.

Busca-se, portanto, através da literatura infantil, despertar na criança a consciência da necessidade de que este mundo seja mais solidário, revitalizando as virtudes e valorizando os atos no sentido de humanizá-lo.

Literatura é, portanto, a arte que conscientiza através de seus textos, que a descoberta e a transformação das leis da vida são possíveis quando nos dispomos a, prazerosamente, viajar pelos encantos do mundo imaginário e fantástico, real e fictício, que retrata a vida como ela é.

A literatura alimenta a esperança de poder participar da vida cotidiana e poder contribuir para a concretização de um mundo mais humano e mais justo.

## 7 REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**; CAETANO, Arlene (trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CÂNDIDO, Antônio. **Textos de intervenção** – seleção, apresentação e notas de Vinícios Dantas. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria – análise – didática**. 5. ed. São Paulo: Ática S/A, 1991. Série Fundamentos – 87.

DA CUNHA, Jorge Luiz da. **Entrevista não publicada**. Santa Maria: 3 de dezembro de 2004.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2003.

JUNG, Carl G. **Símbolos de transformação**. Buenos Aires, Paidós, 1962.

MEYER, Augusto. **Textos críticos**. BARBOSA, João Alexandre (org). São Paulo: Perspectiva/INL, 1986.

MONTAIGNE, Michael de. **Os Ensaios**, livro II, capítulo 2. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **A literatura infantil**. [online]. Disponível na Internet via WWW URL: <http://www.graudez.com.br/Litinf/origens.htm>. Acesso em 13 setembro 2004.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de J. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto**. Tradução de Jaime Ferreira e Vitor Oliveira. Lisboa. **Veja**. Editorial, 1978.

SALEM, Nazira. **História da literatura infantil**. São Paulo: Mestre Jou, 1985

WARNER, Marina. **Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores**. Tradução de Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil – por onde começar?** São Paulo: FTD S/A, 1988.